

Críticas

Jorge Amado e outras linguagens,
por CLÁUDIO CLEDSON NOVAES, p. 256

Dulce M^a Cardoso:
Nova voz na ficção portuguesa,
por MARLISE BRIDI, p. 261

O Boquirroto, irmão do Boca do Inferno,
por SÔNIA VAN DIJCK, p. 266

O silêncio do delator: um inventário de perdas,
por ALEILTON FONSECA, p. 269

A morte do poeta,
por CELIA PEDROSA, p. 272

Arte autoetnográfica,
por HEIDRUN KRIEGER OLINTO, p. 274

América Latina,
por Évila de Oliveira Reis Santana, p. 276

Resenhas

Jorge Amado e outras linguagens

Cláudio Cledson Novaes, UFFS

O livro *Jorge Amado – Leituras e diálogos em torno de uma obra*, organizado por Rita Olivieri-Godet e Jacqueline Penjon é a reunião dos textos apresentados em colóquio realizado em Paris entre 15 e 16 de novembro de 2002.

Os ensaios reunidos evidenciam a emergência dos estudos acadêmicos sobre um dos escritores mais vigorosos e inventivos da narrativa literária brasileira, desmistificando os pré-conceitos criados pela crítica universitária no Brasil sobre a obra amadiana. Os novos olhares amplificam as leituras das obras para além dos “especialistas” em literatura brasileira em relação a Jorge Amado. No livro são agenciadas análises desde a biografia do escritor até a transposição dos seus textos para cinema e tv, pluralizando as perspectivas da recepção crítica. Enfim, os ensaios também transcendem as fronteiras da crítica nacionalista, ao possibilitar um encontro entre leitores do escritor baiano do Brasil, Haiti, França e Portugal.

O livro *Jorge Amado – leitura e diálogos* está dividido em três partes das quais comentaremos mais detidamente *Leituras plurais dos romances amadianos* e *A obra amadiana em diálogo intersemiótico*, por motivo de afinidade com os temas em discussão, recortando três textos de cada um destes conjuntos, para uma leitura pontuada pela afinidade com os autores dos textos destacados.

Da parte *Leituras plurais* comentaremos os ensaios de Rita Olivieri-Godet e Elvya Ribeiro Pereira sobre *Tendas dos Milagres* e *Tocaia Grande*, respectivamente; e ainda o panorama sobre o espaço romanescos amadiano no de Rafael Lucas. Da parte do livro sobre o *Diálogo intersemiótico*, destacamos o texto de Rubens Pereira sobre as ilustrações dos romances de Jorge Amado; e o outro texto sobre as adaptações cinematográficas, escrito pela professora francesa Sylvie Debs; e ainda o texto de Lícia Soares sobre a adaptação televisiva do romance *Mar Morto*.

A primeira coisa a observar nos dois grupos de ensaios é a divergência do olhar convergido para um mesmo interesse de leitura articulados pelos ensaístas brasileiros e estrangeiros, porque os primeiros privilegiam a análise mais vertical da obra do escritor; enquanto o segundo grupo faz um corte mais panorâmico da mesma obra, mas os dois olhares suplementam o movimento objetivo do livro, conforme as organizadoras, que é colocar em evidência e atualizar o conjunto da obra do escritor baiano. Portanto, a percepção assimétrica entre os estilos dos ensaios sugere um primeiro contraponto cultural que é a perspectiva da recepção da obra literária de Jorge Amado, ao movimentar os olhares da referência local para a clivagem universal da obra do escritor. A dupla pers-

pectiva complementar traz a questão do “olhar” potencializado no conjunto dos ensaios, algo que o livro resolve bem em sua segmentação em partes seccionadas por títulos que remetem aos assuntos discutidos nos ensaios, porém estas partes nas são chamadas textualmente de *capítulos*, como é habitual neste tipo livro coletivo; ao que parece, esta estratégia demonstrar uma compreensão do caráter híbrido cultural da obra amadiana, sugerindo seções independentes, mas interligadas, como se os ensaios atravessassem de uma parte para a outra, com é a “naturalidade” da leitura da obra de Amado. Esta estratégia sugere também as remissões intertextuais e interdiscursivas comuns entre os livros do escritor.

A organização editorial do livro reflete a imanência da obra e do escritor Jorge Amado, que transita do texto e da ação política à narrativa de costumes; da literatura ao cinema, das ilustrações às figurações interpretativas com os quais os ilustradores coloriram a obra amadiana. Além disto há a intenção de fazer dialogar com a literatura os traços marginais ao texto literário, quebrando as hierarquias ou recalques entre linguagens e modelos de representação; e ainda afirmam os ensaístas em seus textos o caráter híbrido de biográfico e literário na obra amadiana.

O texto de Rita Olivieri trata do romance *Tenda dos Milagres* na perspectiva de “precisar elementos de uma escrita da margem na figuração identitária do universo romanesco amadiano”. As “margens” que a ensaísta flagra são dentro e fora do texto e engendram os sujeitos do discurso sobre os quais versam a diegese da narrativa e a própria voz do narrador amadiano, ou seja, um jogo da escritura que agencia a perspectiva política-ideológica do escritor é articulado no ensaio de Rita Olivieri pelo conceito de “Sul”,

que o sociólogo português Boaventura de Souza utiliza para significar o oprimido no regime capitalista moderno.

Alguns conceitos articulados pela ensaísta, para ler os limites da narrativa de Jorge Amado, chegam próximo ao engessamento da análise, como no olhar sobre a relação entre oprimido / opressor, apropriado dos discursos nacionalistas, mas quando ele que estes conceitos reproduzem os antagonismos “no interior das fronteiras de uma mesma nação” (p. 111), esta afirmação sobre “fronteiras nacionais” deve ser entendida no sentido de esgaçamento dos conceitos pelos estudos pós-coloniais, que colocam sob a forma de tensão os ressentimentos raciais e étnicos possíveis da obra de Jorge Amado, porque as afirmações políticas do narrador, conforme Rita Olivieri, estão marcadas pela “linhagem da literatura brasileira, barroca, carnavalesca e popular”.

Rita Olivieri percebe esta urdidura do texto amadiano, ao observar nas epígrafes “os principais ingredientes dos romances, assim como o registro polifônico e polêmico de seu discurso, estão anunciados nas margens do texto”; com isto a ensaísta convence o leitor de que, para além de um “bom contador de histórias, qualidade que a crítica não hesita em atribuir ao autor, Jorge Amado é também um urdidor de narrativas, habilidade que quase sempre lhe é negada”. (p. 116)

O ensaio de Rita Olivieri tem uma dupla tendência: as afirmações político-ideológicas marcadas por posição corajosa, que pode comprometer o discurso da análise literária com conceitos do Realismo Socialista, como este apropriado do historiador J. José Reis, que afirma “se hoje podemos afirmar que os africanos *civilizaram* a cidade do Salvador, *Tenda dos Milagres* lembra-nos a história da repressão e os caminhos difíceis da resistência” (p.

120), onde o verbo “civilizar” traz aí um lugar *Mesmo* invertido na perspectiva do que é a civilização para *Outro* que foi destruído. Tais conceitos são sutilmente deslocados no jogo do discurso crítico do texto de Rita Olivieri, quando ela continua a análise da perspectiva ideológica do romance *Tenda dos Milagres*, afirmando que o livro de Jorge Amado apresenta uma “mestiçagem como projeto nacional” (p. 128); e ainda como utopia da “integração das margens sociais na figuração identitária de um projeto utópico para o Brasil” (p. 129).

Se Rita Olivieri resgata o olhar utópico amadiano como marca literária, o ensaio de Elvya Ribeiro segue o mesmo caminho, mas em diferença, ao analisar o romance *Tocaia Grande: a face obscura* deslocando a terminologia política – ideológica dos conceitos, ao buscar a configuração da identidade literária dramatizada no interior da linguagem caleidoscópica do romance. Élvia Ribeiro afirma que a ficção amadiana pode ser considerada como “desdobramento do projeto metahistórico romântico voltada para a pesquisa da ‘origem’” (p. 145); e suplementa o foco ideológico do romance em seu ensaio, ao firmar que “opera-se, neste romance, um deslocamento à margem de qualquer sistema duro, burocraticamente estabelecido seja por que ideologia for”. (p. 147) O olhar político na recepção da obra de Jorge Amado é redefinido em cada leitura, segundo o dever conceitual do crítico no interior da tradição da leitura de Jorge Amado. Para Elvya Ribeiro, “*Tocaia Grande* é um romance que se insere na tradição das narrativas da origem para provocar uma rasura nessa mesma tradição”. (p. 155)

Já o ensaio de Rafael Lucas toma outra direção, demonstrando o nítido interesse do olhar do “estrangeiro” sobre a linearidade da

obra de Jorge Amado e o seu percurso na Literatura Brasileira; em seguida ele estabelece a sua dedução crítica sobre a obra amadiana. O ensaio insere a obra na tradição romântica e naturalista, desde José de Alencar, passando por *Os sertões*, para chegar ao romance de 1930, porém deslocando o estigma que o escritor enfrentou nos textos da crítica acadêmica modernista, ao destacar a “pedagogia do espaço no romance amadiano”. É interessante o olhar de Rafael Lucas neste livro sobre Jorge Amado. Crítico de origem haitiana, mas radicado na França, Rafael Lucas atua como pesquisador e professor nas academias francesas e reflete seu interesse sobre o traço mimético da literatura brasileira; pois para ele “este tipo de percepção do espaço brasileiro em certas representações intelectuais vai gerar conseqüentemente uma mistura de pessimismo literário e de tristeza antropológica”, impregnando a engrenagem literária desde o século XIX; e a obra amadiana procuraria recompor a partir do romance de 1930, voltando-se para um certo romantismo telúrico atravessado de tragédia social, na qual a natureza protetora também “cede lugar a uma natureza devorante”. (p. 193)

Ao trazer tais assertivas sobre a história da intelectualidade brasileira, através das narrativas literárias, Rafael Lucas aponta para aquilo que ele chama de “tipologia dos espaços amadianos”, configurando a cartografia espacial da Literatura Brasileira, ao afirmar que a obra de Jorge Amado tem “algumas áreas específicas quanto ao valor simbólico que elas possuem no sistema referencial da obra romanesca: os espaços selvagens, as propriedades agrícolas, o espaço marítimo, a paisagem urbana e os cronotopes de limites reduzidos (bares, bordéis, meios de transportes)”. (p. 195)

Os outros três textos que escolhemos do livro para comentar compõem o mosaico dos ensaios sobre pluralidade da obra de Jorge Amado.

Rubens Pereira traduz a visão de mundo das ilustrações que colorem a obra do escritor que ele diz ter “uma relação sensualista com o mundo”. Grande parte desta sensualidade se traduz pela sensibilidade do olhar sobre as ilustrações dos seus livros, que são tomadas por Rubens Pereira para mostrar “os processos de composição e das configurações expressivas que definem o jogo texto / imagem”.

Rubens Pereira perfaz uma investigação conceitual sobre os elementos plásticos nas interfaces dos objetos literários e os desenhos, discutindo as linhas e volumes que dimensionam a importância do pictórico na obra de Jorge Amado. Para ele, a abertura do texto para outras linguagens contribuiu para a “fixação de parte do imaginário que caracteriza o universo da Jorge Amado, seja em termos de absorção de elementos representativos de tipos e valores populares, seja no jogo de sedução e de popularização das suas narrativas”.

Ao realizar um denso trabalho sobre o aspecto das ilustrações na obra literária amadiana, Rubens Pereira observa em seu ensaio que são poucos os cuidados dos críticos sobre tais aspectos; e a ilustração dos livros, segundo ele, ainda espera “por estudos que busquem definir as zonas de confluência / divergência e os regimes de intercâmbios entre imagens, textos e contextos”. Este ensaio é uma das mais lúcidas contribuições para os estudos sobre as ilustrações amadiana e, de maneira geral, para as ilustrações literárias, principalmente pelo desenvolvimento do conceito de dependência e autonomia de uma linguagem em relação à outra, quando o ensaísta estabelece a relação texto / imagem na obra

de Jorge Amado, dizendo que “partindo do texto, a ilustração pode ser responsável por uma leitura da obra, uma espécie de metanarrativa, e simultaneamente pode aspirar a ser uma narrativa derivada, um composto artístico com relativa independência”.

São outros os níveis de narrativa derivada, os quais são abordados nos dois últimos ensaios que escolhemos do livro sobre Jorge Amado. O de Sylvie Debs faz um mapeamento da obra de Jorge Amado no cinema, oferecendo dados e cifras, tantos das obras adaptadas deste escritor, como da sua colaboração na cinematografia em geral, redigindo roteiros e influenciando a sétima arte. Para ela, Jorge Amado é caracterizado pela dupla vocação do amor pela política e pelo povo, colocando-se a serviço do cinema porque “no ambiente cinematográfico, ele exerceu não só as atividades de crítico, mas também de escrita de argumentos, de roteiros e de diálogos e muitas vezes participou da adaptação de suas próprias obras para o cinema”.

Sylvie Debs investiga a relação de Jorge Amado com o cinema desde os anos 1930, quando ele recebe três contos de réis pelos direitos de *Cacau*, passando grande parte da sua vida próximo ao cinema, até suas últimas travessias para as telas. Para ela, a transposição cinematográfica da obra amadiana oferece um cenário surpreendente, porque mesmo distribuída por vários países “ela continua, em sua maioria, inacessível nos dias atuais”.

O ensaio de Syvie Debs é importante por mostrar aos muitos leitores de Jorge Amado a sua faceta cinematográfica, pois apenas os pesquisadores mais experientes percebem certas características filmicas da sua obra, associadas a outras intenções, como aquelas para as quais a crítica chama a atenção

na conclusão do seu ensaio: a) o ideológico; b) o estético; c) a representação do país.

Sylvie Debs traz em anexo um quadro das obras de Jorge Amado adaptadas em vários momentos da cinematografia nacional e internacional, definindo a importância da obra do escritor para o áudio-visual brasileiro.

A importância é ainda mais importante quando pensamos na televisão brasileira e no seu alto padrão de qualidade, com as novelas e os seriados, muitos deles baseados em obras de Jorge Amado. É sobre um destes programas que trata o ensaio de Lícia Soares: *Forças e Fragilidades de Porto dos Milagres: adaptação televisiva de Mar Morto*.

Neste ensaio é focalizado o problema semiótico da transposição de linguagens, que, segundo a ensaísta, “fabrica outros espaços, outros tempos, outros pontos de vista e assim ela projeta outros textos que modificam os formatos dos textos problemas”. O deslocamento de sentidos pode ser positivo ou negativo, quando a “narrativa literária é renovada em uma espécie de narrativa que deve sofrer a influência de várias mediações”. As obras de Jorge Amado, segundo a ensaísta, “sempre foram propícias às adaptações televisivas à medida que vivificam personagens representativos de comunidades culturais bem demarcada” (p. 269), daí o risco do

estereótipo na imagem, quando o original do texto amadiano “produz um efeito espelho crucial: ele vai ao encontro da ideia de hibridismo cultural de nossa americanidade” (p. 269). Mas o interesse de transposição de um romance para uma novela “é mostrar o potencial representativo de certos personagens e de temas suscetíveis de gerar debates atuais”.

Como sabemos, os níveis de debates que a obra de Jorge Amado pode sugerir entre os membros das academias – e entre o grande público da televisão – têm fortes marcas ideológicas refratárias. O importante é perceber até que ponto a adaptação da obra consegue mostrar ao público o que ele pode e deve fazer, a partir das referências históricas e culturais exibidas na tela – às vezes frágeis, outras fortes, como explicita a análise de Lícia Soares sobre esta adaptação da obra de Jorge Amado.

O livro *Jorge Amado – Leituras e Diálogos em torno de uma obra*, lançado pela Fundação Casa de Jorge Amado, selo Casa de Palavras dignifica o universo plural e popular da obra do escritor baiano com a forma plural dos enfoques e os gestos gratificantes dos estudiosos estrangeiros e brasileiros que permitem aos leitores especialistas ou iniciantes uma familiaridade com os temas e formas da narrativa amadiana.



NOVAES, Cláudio Cleudson. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, nº 3, 2005, p. 256-260.